



ENCONTROS ENTRE O BRINCAR E A MULTITERRITORIALIDADE DO ESPAÇO ESCOLA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Rosângela Bastos Oliveira¹
Naurelice Maia de Melo²

Eixo – Representações Socioespaciais, Ensino e Aprendizagens Significativas
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

O presente artigo objetiva apresentar o encontro entre o brincar e a multiterritorialidade do espaço escolar na Educação Infantil; referente às associações entre resultados da pesquisa “A Construção Simbólica na Criança: contribuição para uma Proposta Pedagógica Inovadora” e perspectivas em torno dos debates sobre territorialidade. Os procedimentos metodológicos contaram com participação de 08 professoras de Educação Infantil e 44 crianças cujos pais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo de ambos os sexos, e de faixa etária de 5 a 6 anos, dos Grupos 5A e 5D, respectivamente, dos turnos matutino e vespertino. Os episódios de interações socioespaciais foram analisados a partir de algumas categorias definidas a priori pela obra de Piaget (1970) em Epistemologia Genética, que são: Faixa etária, gênero, composição grupal, tipo de interação interpessoal, tipos de interação espaciais (Estilo: solitário, independente, assimétrico, complementar) e (Caráter social: agnóstico e pró-social). Evidenciou-se que o espaço escolar necessita ser reconhecido como um aliado às práticas pedagógicas por ser de fundamental importância para a aprendizagem das crianças; neste artigo, atribuindo destaque ao brincar e à multiterritorialidade.

Palavras-chave: Educação Infantil. Multiterritorialidade. Espaço Escolar.

¹ Pedagoga, pela Universidade Católica do Salvador. Especialista em Metodologia do Ensino Pesquisa e Extensão em Educação, pela Universidade do Estado da Bahia. Professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Salvador. Mestre do Programa de Mestrado profissional em Gestão e Tecnologia Aplicadas à Educação da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: robastocal73@hotmail.com.

² Licenciada em Filosofia, pela Universidade Católica do Salvador. Pedagoga, pela Faculdade regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias. Especialista em Metodologia do Ensino Pesquisa e Extensão em Educação, pela Universidade do Estado da Bahia. Mestre em Desenvolvimento Regional e Urbano, pela Universidade Salvador. Doutoranda em Educação e Contemporaneidade, pela Universidade do Estado da Bahia. Docente em Instituições de Ensino Superior e Professora Formadora da Unidade de Educação a Distância da Universidade do Estado da Bahia. naurelicemelo@gmail.com

Introdução

No Brasil os números de estudos sobre o brincar são bastante significativos, é possível justificar pela importância desse ato para as crianças. Esse avanço vem ocorrendo porque cronologicamente o olhar sobre a criança no Brasil se tornou mais intenso a partir do século XX com a chegada das creches. Com isso é possível entender os avanços sobre a criança e o brincar, gerando cada vez mais a necessidade de conhecê-los melhor.

Nos últimos anos vem despontando alguns estudos sobre o território escolar na EI, mas fazem necessários mais estudos sobre essa temática para melhor compreensão da importância do território no processo de desenvolvimento físico e cognitivo da criança. O brincar no território escolar é uma ação de qualquer criança de educação infantil EI.

Nesse sentido a pesquisa foi desenvolvida a partir dos conceitos de Piaget (2014), Wallon (2010) e Vygotsky (2000), por considerar que os estudos deles nos aproximam da criança do brincar e da relação com o território.

Quanto ao território, este escrito associa a pesquisa realizada sobre a “Construção Simbólica na Criança: contribuição para uma Proposta Pedagógica Inovadora” à perspectiva de que “o território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado” proposta por Milton Santos (2005, p. 138) e tecendo encontro entre esta e a perspectiva de Rogério Haesbaert (2006b, p.135): “território [...] envolve as múltiplas formas de apropriação do espaço, nas diversas escalas espaço-temporais”.

Nas duas perspectivas a respeito do território, este é apresentado em consonância às relações que constituem o espaço sem que sejam desconsideradas as circunstâncias políticas, sociais e o âmbito simbólico-cultural. Portanto, próximo às elaborações do brincar, do jogo, do lúdico e das implicações destes sobre regras, bonificações, expressões de si, do outro, interações, espontaneidades e, ao mesmo instante, atenções que as crianças têm ao externo e aos padrões manifestos nos combinados do brincar, nas relações de poderes (ainda incipientes) e nas autonomias que vão surgindo e sendo elaboradas na infância.

Haesbaert (2005, 2006^a, 2006b) esclarece que a relação entre território e poder não está restrita a significação concreta deste, mas na compreensão também simbólica do poder. A esse respeito, o autor cita Lefebvre e Milton Santos. O primeiro, para a diferença entre apropriação e dominação e o segundo para a distinção entre o território enquanto recurso e o território na qualidade de abrigo. Lefebvre estabelece a diferença entre apropriação (*possessão*) e dominação (*propriedade*), de acordo com Haesbaert (2005, p. 6774, 6775), “o primeiro [...] um processo muito mais simbólico, carregado das marcas do ‘vivido’, do valor de uso, o segundo

mais concreto, funcional e vinculado ao valor de troca”.

Haesbaert (2005) afirma que Lefebvre trata do espaço e não exatamente do termo “território”, contudo, a proposta é de compreensão do espaço com seu teor processual e socialmente construído, de modo que a relação entre dominação e apropriação precisa ser constante, ocasionando o reconhecimento e a efetivação real da apropriação. Mas, a lógica do mercado transforma também o espaço em mercadoria, bem como faz prevalecer o poder do, conforme chama o autor, “aparato estatal-empresarial”.

É possível então compreender que o sentido de apropriação se aproxima da realidade vivenciada, constituindo o próprio espaço habitado e significando-o, portanto, de modo múltiplo com seus também múltiplos elementos. Nessa perspectiva Haesbaert (2005) segue com considerações em torno de perspectivas tais como a de “desterritorialização”, “reterritorialização” e “multiterritorialidade”.

Em linhas gerais (ficando claro que a proposta nesta escrito não é a de tratar cada uma das perspectivas mencionadas no parágrafo acima, mas apenas a título de alusão aos seus significados) não é concebida, em Haesbaert (2005, 2006a), a perda de territórios; uma vez que no lugar desta são encontradas as possibilidades dos processos de reterritorialização, sendo estes não exatamente o retorno às condições originárias de dado território, mas a aproximação aos sentidos complexos e articulados entre si que culminam na compreensão da multiplicidade, convidando também à multiterritorialidade, aqui, vinculada à Educação, à Infância e às possibilidades de encontro entre as diversas “territorialidades” na socioespacialidade da escola e na “multiterritorialidade” do brincar.

Metodologia

Realizou-se uma pesquisa do tipo exploratório-descritivo, onde o uso da videogravação foi baseado na metodologia de Carvalho, Alves e Gomes (2005), com as crianças em situação de rotina pedagógica, no grupo focal com entrevista não estruturada com as professoras.

A coleta de dados foi dividida em três etapas. O registro fílmico nos grupos 5A e 5D seguindo o roteiro da sequência cronológica da rotina de sala de aula caracterizou-se como primeira etapa. Onde a gravação ocorreu por 5 minutos a cada atividade desenvolvida na rotina pedagógica computando um total de 25 minutos de gravação por grupo.

Quanto a segunda e terceira etapas foi estruturado pelo grupo focal. A técnica do grupo focal, segundo Cavazza (2005) consiste em uma entrevista não estruturada aplicada em um grupo sobre um tema preciso. Já na segunda etapa o grupo de professoras puderam assistir

alguns momentos da videogravação e passaram a dialogar sobre as representações socioespaciais infantis e a construção simbólica na criança.

A terceira etapa foi elaborada algumas questões: conceito de práticas pedagógicas inovadoras, percepção do currículo escolar da Educação Infantil, mudança na sua rotina pedagógica após visualização do videografia, relação entre crianças da comunidade do entorno da escola e sua construção simbólica.

A pesquisa foi permeada pelas expressões das crianças, dentre outras, junto ao ato de brincar no cotidiando, socioespacial, da Escola, culminando em propostas de práticas pedagógicas inovadoras abraçando também espaços virtuais (também socioespacialmente elaborados).

Resultados e Discussão

Os resultados foram separados por momentos e o 1º momento foi observado às imagens, a organização e ocupação do tempo e do espaço pelas crianças, suas ações e reações diante das propostas feitas pelos adultos. Logo depois veio o 2º momento com as filmagens registrando, o que era proposto pelo adulto e as ações e reações das crianças expressadas de diferentes formas.

A proposta constituiu-se em agrupar os dados resultantes da observação das cenas de cada atividade individual dando início ao 3º momento. Os dois grupos escolares, tiveram em comum as cenas de interações e apropriação do território. Foi possível observar que elas assumem uma autonomia em escolherem o seu lugar, seu território, seus objetos e seus grupos.

Utilizou-se da gravação em áudio como instrumento para registro de todas as impressões colhidas durante as reuniões e discussão no grupo focal. Após os dados revelados pelas videograções ocorreu a segunda etapa do grupo focal. Logo depois foi transcrita as falas em consonância com as categorias de análise dos registros fílmicos e transferido para uma planilha. O método estatístico foi utilizado no conteúdo, para elaboração de tabelas e analisados pelo método de análise do conteúdo do discurso Bardin (2009).

Com isso foi possível apresentar os resultados da análise e interpretação dos dados que contribuiu para a Proposta Pedagógica Inovadora na Educação Infantil e o desenvolvimento da Plataforma Virtual. As professoras explicitaram como necessidade em levar as crianças para explorar o entorno da escola; mobilizar encontros com os pais a fim de proporcionar discussões e reflexões com eles sobre a importância do brincar para as crianças, neste momento, de forma

atenta à multiterritorialidade e com ela aos encontros entre o brincar, as diferenças, as autonomias e emancipações.

Conclusões

As crianças conquistam autonomia, se apropriam dos seus espaços, escolhem seus objetos e em qual grupo irão interagir. Existe uma complexidade nessas ações das crianças, existe pertencimento e constam caminhos para a convivência com o diverso e para a emancipação, sobretudo, mediante o brincar. Expressando a feitura de multiterritorialidades que, para serem efetivas, requerem o encontro tanto subjetiva quanto objetivamente com a comunidade e as vivências fora da Escola.

O desejo de mudança das professoras foi imprescindível para a elaboração de uma Proposta Pedagógica Inovadora que contou com uma Plataforma Virtual. Esta, pautada em interações e socializações de vivências e conhecimentos,

Mediante a feitura da pesquisa, suas análises e os encontros entre seus resultados e as perspectivas em torno dos debates sobre território foi possível vislumbrar novas ações e convite à novas pesquisas atentas ao brincar e à multiterritorialidade da qual este ato pode estar imbuído.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2009.
- BOMFIM, Natanael Reis. **Représentations sociales de l'espace et l'enseignement et l'apprentissage de la géographie scolaire** : le cas des élèves favelados d'une ville du nord-est du Brésil. Tese (Doutorado em Educação). Canadá: Universidade do Quebec em Montreal, Montreal, 2004.
- CARVALHO, Ana. M.; Alves, M. M. F. & Gomes, P. L. D. **Brincar e educação**: concepções e possibilidades. Psicologia em Estudo. 2005.
- CAVAZZA, N. **Psicologia das atitudes e das opiniões**. Loyola, São Paulo, SP, 2005.
- HAESBAERT, Rogério. **Da Desterritorialização à Multiterritorialidade**. In: X Encontro de Geógrafos da América Latina, 2005, São Paulo. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina, 2005. p. 6774-6792.
- _____. **O Mito da Desterritorialização**: do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade. 2 Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006a. 400p.
- _____. **Territórios Alternativos**. 2 Ed. São Paulo: Contexto, 2006b.
- SANTOS, Milton. **Da Totalidade ao Lugar**. São Paulo: EDUSP, 2005. 176p.
- PIAGET, Jean. **Formação do Símbolo na Criança** – imitação, jogo e sonho, imagem e representação. 4. ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional, 2014.
- VIGOTSKY, S. Levy. **A Formação Social da Mente**: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.